

CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA: A CONSTRUÇÃO DO “EU” ATRAVÉS DOS GÊNEROS

Sullivan da Silva Flores¹

No transcorrer dos muitos períodos literários aqui no Brasil, foi-se descobrindo a riqueza de escritores que conseguiram transpassar todo um conjunto de sentimentos para as páginas em branco do papel, levando-nos a conhecer a interioridade de muitas vidas através de uma única obra. O que nos permite conhecer um pouco do autor, também, porque o que conseguimos saber da vida dos escritores, “com exatidão, é o que furtamos ao valor enigmático da sua obra²”. Contudo, alguns desses célebres escritores, que foram reconhecidos em sua época, hoje são lidos apenas por uma minoria; torna-se, portanto, importante resgatá-los para que possamos conhecer não apenas aqueles escritores consagrados pela crítica, mas outros que também influenciaram muito para o perfil literário do período em que viveram. Com o intuito de aproximar as obras negligenciadas pela crítica atual de outras já canônicas, o projeto *Escritas do Eu: consolidação e perfis do romance de introspecção no Brasil (1940-1970)*, coordenado pela professora Dr. Ana Maria Lisboa de Mello, visa recuperar os nomes literatos da época e inseri-los na vertente introspectiva da prosa romanesca, bem como mostrar a forma que esses nomes ajudaram a consolidar o romance introspectivo no Brasil.

Uma das obras marco do projeto acima descrito é *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, publicada em 1959 - um período contraditório em termos literários - em que autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Cornélio Pena fixavam seus olhares para problemas sociológicos, indo a obra de Lúcio de encontro a essas características, trazendo para a literatura brasileira um aprofundamento ideológico ainda inédito aos leitores e à crítica. Joaquim Lúcio Cardoso Filho nasceu em 14 de agosto de 1912, em Curvelo, pequena cidade de Minas Gerais, mudando-se para Belo Horizonte em 1914, onde completou sua formação escolar; em 1923 muda-se definitivamente para o Rio de Janeiro, cidade que possibilitou suas primeiras experiências literárias devido ao acesso que tinha às leituras inúmeras e a ambientes intelectuais.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil.

² Lúcio Cardoso, in “Lúcio Cardoso, lecteur de Manuel Antônio de Almeida”, *Les Langues Néo-Latines*, nº 244, p. 55-56.

Amigo de grandes escritores como Clarice Lispector, Otávio de Faria, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, dedicou sua vida à literatura, no entanto, não obteve êxito na escrita de poesias nem de peças teatrais; foi reconhecido, sim, pela sua obra romanesca iniciada com a publicação de *Maleita* (1934), seguida de *Dias perdidos* (1935) e *Luz no subsolo* (1936) – como também a repercussão de sua trilogia *A luta contra a morte*. Entre a criação de diversos poemas, teatros e romances, Lúcio publica a *Crônica da casa assassinada*, considerado o ponto mais alto de suas obras³, devido a preocupação deliberada com problemas de estruturação narrativa. Nesse ponto de sua criação, em seus romances é possível notar as influências das leituras feitas por Lúcio, como as de Virginia Woolf, Oscar Wilde, Julien Green, Dostoiévski, entre outros escritores que muito obsedaram o pensamento literato do autor.

Em 1962 Lúcio é vencido por um derrame cerebral que o impossibilita de continuar escrevendo, obrigando-lhe a interromper o seu último romance *O viajante*, obra tão esperada pela crítica e pelo seu público leitor. Em meio a tantos problemas enfrentados pela doença, recebeu o prêmio *Machado de Assis* (1966)⁴, por seu conjunto de obras, pela Academia Brasileira de Letras. Morre em 1968, logo após um segundo derrame. Entretanto, para muitos de seus amantes se tornou um personagem mítico, fecundo e indissociável de sua obra, marcando ainda hoje as letras brasileiras. Escreveu em seu diário: “... há um momento em que tudo se dissolve no tempo e se incorpora à serenidade das coisas libertas e confundidas num único todo⁵”.

Após a morte de Lúcio, Otávio de Faria comenta o último encontro que teve com o amigo:

Sei bem que as estranhas palavras de Lúcio versavam sobre a morte, sobre a luta contra a morte e a sedução da morte, sobre tudo o que ela representava para o ser ainda em vida, ainda capaz de rejeitá-la, de renegá-la, de vencê-la. Mas de amá-la, também, de amá-la em sua beleza tenebrosa de “deusa de preta vestida” (ficou-me a expressão – textual? – pronunciada, creio, não com ênfase de inversão clássica [tão alheia ao seu estilo próprio...], mas em tom, quem sabe, de recordação de algum poeta português – de Fernando Pessoa, o que mais admirava, quem sabe), “devoradora silenciosa das almas” (como

³ Segundo nota de fim publicada pela editora Nova Fronteira na segunda edição de *Crônica da casa assassinada*.

⁴ No livro *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*, Mário Carelli escreve na página 68 que o prêmio foi entregue em 1966, no entanto, na legenda colocada na foto de recebimento do prêmio consta que foi recebido em 1967.

⁵ Lúcio Cardoso, in “Diário completo”.

está escrito, creio eu, em *A luz no subsolo...*), última parada antes do porto de chegada, do encontro sonhado e jamais alcançado em vida: Deus...⁶

Ainda sobre *Crônica da casa assassinada*, quando se fala em preocupação narrativa, deve-se ao fato de a obra estar estruturada em um conjunto de diferentes gêneros narrativos, fazendo com que seja vista como um romance polifônico,⁷ pois nos expõe o mesmo fato visto de maneira diferente por cada um dos personagens. Cada um utiliza-se de um gênero que melhor exprime seus pensamentos e pontos de vista: André, adolescente apaixonado pela mulher que tem por mãe e com muitas dúvidas que o permeiam, revela suas mudanças sentimentais em seu diário; assim como Betty, empregada pacata, amiga ouvinte dos muitos problemas da *casa*, que se utiliza do diário para exprimir todo o seu tormento; Nina, figura estranha na casa da família Meneses, com suas cartas que exploram a sua vida em função da do marido; Valdo, marido de Nina e irmão de Demétrio, também vê nas cartas uma maneira de dialogar problemas que o cercam na Chácara (*casa*); Ana, dona de casa submissa às vontades do marido (Demétrio) e guardiã de muitos segredos, faz suas confissões ao padre da pequena cidade; padre Justino com suas narrativas indispensáveis para desmistificar a trama da obra; as memórias de Timóteo, que insiste em utilizar as roupas da mãe já falecida; e Demétrio, figura paterna e “impositora” de regras de uma sociedade tida como ideal, com sua ausência de narrativa.

Crônica da casa assassinada trata-se da decadência da família Meneses que, economicamente arruinada e sem condições de produzir alguma coisa em sua chácara, vai se apagando até se tornar uma *crônica* de Vila Velha, pequena cidade do interior de Minas Gerais. O corpo social deste ambiente familiar sofre uma mudança radical com a chegada de Nina, recém casada com Valdo, um dos herdeiros da chácara, pois ela traz consigo um conjunto de atitudes inaceitáveis aos olhos dos membros da casa. Por ter causado desconfiança em Demétrio, seu cunhado, que percebe uma aproximação entre ela e o jardineiro, Alberto, decide voltar para o Rio de Janeiro e dar a luz ao seu filho, André. E Ana, mulher de Demétrio, também apaixonada pelo jardineiro, prefere vê-la longe, pois acredita que assim Alberto poderá esquecê-la. No entanto, ele não suporta estar longe da amada e suicida-se com um tiro.

⁶ Otávio de Faria, “Memórias de Lúcio Cardoso”, in *Jornal do comércio*, 2 de novembro de 1968.

⁷ Nomenclatura utilizada por Mário Carelli em *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*.

Muitas tramas se sucedem na estadia de Nina no Rio, sempre indo e vindo da Chácara Meneses, até que Ana decide ir ao seu encontro com o pretexto de buscar o filho de Valdo; realmente retorna com o menino, mas não acompanhada de Nina. Passados quinze anos, Nina volta à Chácara e encontra seu filho já crescido e acostumado com as condições familiares, sempre tendo Demétrio no comando. Já na Chácara, ela junta-se a Timóteo, irmão de Valdo e Demétrio, que insiste em usar as roupas da falecida mãe e ficar trancado em seu quarto – motivo pelo qual seus irmãos o renegam – e ambos farão de tudo para arruinar o restante da família, porque se sentem excluídos daquele ambiente.

Em meio a tantas brigas e desentendimentos familiares, Nina e André acabam tendo um relacionamento, criando todo um clima de transgressão incestuosa que toma conta da história. Mesmo morando na Chácara, Nina nunca deixou de manter contato com o Coronel (homem apaixonado por ela e que sempre a ajuda no Rio). No entanto, não se sentindo muito bem, vai ao Rio para fazer alguns exames e descobre estar tomada por uma doença grave, que dá a ela apenas alguns meses de vida. De volta à Chácara, passa a sofrer muito com a enfermidade que a consome, deixando todos a sua volta sofrendo com aquela situação. Nina finalmente morre após tantas dores e desentendimentos familiares.

Após sua morte, a *casa* começa a perder a *vida* que tinha, começando todos os seus moradores a irem embora ou morrerem, ficando somente Ana e um empregado, que vai buscar Pe. Justino na cidade para que ela se confessasse antes de sua morte. Ana decide então confessar tudo o que escondeu durante sua vida de cristã e serva do marido ali na Chácara: revela que André não era filho de Nina e Valdo, e sim seu com Alberto, mas que para não ser renegada pela família Meneses, decide esconder a gravidez e ir ao Rio de Janeiro com a desculpa de buscar o filho de Valdo - na realidade ela entrega o filho de Nina e Valdo a um hospital e leva o seu como sendo o do cunhado. Pede perdão ao padre por nunca ter admitido seu erro, e morre após fazer sua última confissão. E é no último capítulo que ficamos sabendo que toda a obra é um conjunto da organização dos diários, testemunhos, cartas e confissões de todos os membros da Chácara, reunidos por um personagem que não se sabe quem é, mas que procurou Pe. Justino a fim de coletar o máximo de informações e poder fazer a *Crônica da casa assassinada* de Vila Velha.

Através da última parte do resumo da obra, é possível notar que ela é composta, na realidade, de uma série de narradores, pois consiste em um conjunto de cartas, diários e confissões⁸ dos personagens. Contudo, note-se que elas foram reunidas por um “narrador editor”, que organiza e seleciona os documentos da maneira que lhe convém – essa interferência narrativa é notória no transcorrer da obra, pelo fato de o discurso ser apresentado fora da ordem cronológica - portanto, a presença de um narrador editor torna-se imprescindível para o entendimento do romance, mesmo que ele não se posicione diretamente no decorrer das ações. Percebendo isso, é possível notar a possibilidade de reflexões que implica sobre a posição distinta que há entre a atitude narrativa e o discurso cronológico, ligados a gêneros diferenciados e com funções de complementaridade na perspectiva geral focalizada pelo leitor.

Lançando um olhar mais perscrutador para os gêneros selecionados acima, notaremos que todos eles levam-nos a conhecer a intimidade de cada um dos personagens que os utilizam, sendo assim, faz-se necessário conhecer um pouco sobre cada um, a começar pelo diário:

André, ao narrar tudo o que está vivendo para seu diário, transporta-nos para o seu *mundo* particular, onde ocorrem mudanças freqüentes dos seus sentimentos devido a sua vivência com Ana, mostrando que suas anotações diárias podem tratar de qualquer tema: “Que é para sempre se não o existir contínuo e líquido de tudo aquilo que é liberto da contingência, que se transforma, evolui e deságua sem cessar em praias de sensações também mutáveis?⁹”, o que dá sustentação ao pensamento de Blanchot¹⁰ quando nos fala que todos os pensamentos, sonhos, ficções, comentários acerca de si mesmo, acontecimentos importantes ou insignificantes fazem parte do corpus integrante do diário íntimo. Isso é o que acontece também com Betty, pois ela não tem um diálogo com outro personagem, restando-lhe se expressar através de seu diário, utilizando-o como guardião de seus segredos, assim como fazem os que o utilizam como caderno de confidências; é por isso que, ao abrirmos um diário, estamos descobrindo outra vida, uma vida depois da vida¹¹.

⁸ É colocado apenas estes gêneros pelo fato de ter maior abrangência no tema do trabalho: *a subjetividade introspectiva*.

⁹ Diário de André (conclusão). In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 9.

¹⁰ PAULS, Alan. *Las banderas del célibe*. In: *Como se escribe el diario íntimo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1996.

¹¹ Idem *ibidem*.

O diário é um documento íntimo, no qual se debruçam todos aqueles que necessitam revelar suas verdades, sem receio de limitar suas opiniões, mesmo sabendo que poderá ser lido por alguém num futuro póstumo (fatalidade sensacionalista do gênero, porque um diário nunca aparece, o encontramos após a morte de seu criador¹²). “Sem dúvida, o ideal como *diário* não é um processo constantemente de auto-análise – convenhamos que nem sempre há dentro de nós grandes novidades, já somos tão conhecidos – e sim alguma coisa que participe da invenção. Gênero híbrido, a ser tentado.¹³”. E este material é resultado de uma disciplina, de um comprometimento com o calendário, porque se destina a revelar os estados de espírito vividos em uma determinada época, para que se possa ter conhecimento da vida de quem o escreveu e poder reconstituir sua história.

Um outro gênero que nos permite uma aproximação maior com quem os escreve, é a carta: objeto de aproximação entre as pessoas, de confissões e lamentações, tanto para expressar a saudade como para dizer o quanto uma atitude mal tomada pode desconstruir um sentimento. Isso acontece com as cartas que Nina escreve a Valdo quando volta ao Rio de Janeiro, depois de sofrer decepções amorosas: “Talvez não seja inútil dizer-lhe que as mulheres da minha espécie costumam a morrer, e que é necessário que tentem várias vezes a minha morte, para que eu realmente desapareça, e interrompa minha ação no mundo dos vivos.¹⁴”. Foi, também, “imbatível no campo da comunicação¹⁵”, pois ajudou a eternizar conversas tidas com pessoas que de alguma forma marcaram nossas vidas, mas isso somente até a invenção do telefone. Sem contar o ótimo objeto de estudos que é para quem se dedica pesquisar a vida de determinada pessoa.

Tanto as cartas como os diários são documentos íntimos, nos quais tentamos explicar o passado, expor o presente, aventurar-nos pelo futuro imaginário, relatarmos uma verdade oculta em nosso consciente particular, ou até mesmo mentirmos. Mas existe outra forma de poder expor esse íntimo, através das confissões, que é um gênero também explorado pela obra de Lúcio. Todavia, a pessoa que dedica a confessar é sempre precedida de algum propósito, seja para tirarmos um peso de nossa consciência,

¹² Idem *ibidem*.

¹³ Lúcio Cardoso, in “Diário completo”.

¹⁴ Primeira carta de Nina a Valdo Meneses, in CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 27.

¹⁵ MINDLIN, José. *Cartas, para que vos quero?*. In GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Batella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

como também para simplesmente poder narrar, visto que “narrando, o homem enuncia continuamente seqüências de acontecimentos, [...] com uma variada força ilocutiva e uma intencionalidade perlocutiva¹⁶”. É assim que faz Ana quando se confessa com Pe. Justino, ela procura aliviar sua consciência, falando para ele o que a incomoda em Nina: “O que me impulsionava era o ímpeto de um ser fragmentado e tumultuoso, qualquer coisa rebelada que eu não podia mais conter, que atuava como se fosse um tóxico.¹⁷”. Através desse tipo de narrativa adotado, o leitor consegue estabelecer um vínculo muito tênue com a obra, porque a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um *eu*, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor se apresenta sem *máscaras*.

Lúcio Cardoso utilizou com muito esmero esses gêneros literários, como outros que fazem parte da narrativa de *Crônica da casa assassinada*, visto que são gêneros que possibilitam ao homem desenhar seus espaços identitários, espaços vitais para trazer à tona a subjetividade carregada pela obra. Dessa forma é possível perceber que a subjetividade do romance dá-se através dos gêneros utilizados na construção da narrativa, tais como os diários, as cartas e as confissões, como aqui expostas. Eles possibilitam abrir as *portas* da intimidade dos personagens, fazendo com que o leitor se aproxime de cada um e conheça o porquê deles agirem de determinada maneira – mas também é possível conhecermos o personagem mesmo que ele não se utilize de formas verbais para se expressar, como é o caso de Demétrio, que não possui narrativa durante toda a história. Esse não aparecimento da narrativa de Demétrio deve-se ao fato, talvez, de Lúcio ter vivido durante uma época em que se considerava mais a literatura social - a qual tinha o chefe da família como sendo o impositor das regras, as quais todos deviam obediência - a década de 30.

É possível concluir, portanto, que o romance “Crônica da casa assassinada”, está inserido no projeto *Escritas do Eu: consolidação e perfis do romance de introspecção no Brasil (1940-1970)*, que tem como um dos objetivos resgatar os autores introspectivos das décadas de 40 a 70. Mas como o projeto está em fase expansão, meu trabalho está sendo construído gradativamente, sempre procurando continuar na linha de pesquisa introspectiva e resgatar grandes nomes de nossa literatura que foram

¹⁶ Idem *ibidem*.

¹⁷ Continuação da segunda confissão de Ana. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 166.

desmazelados pela crítica atual. Este trabalho das obras de Lúcio Cardoso também está por se tornar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual estou recebendo toda a ajuda teórica e o apoio para continuar pesquisando da professora Dr. Ana Maria Lisboa de Mello.

Referências

BARROS, Marta Cavalcante de. *Espaços de memória: uma leitura de Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

CARELLI, Mário. *Corcel de fogo: vida e obra de Lúcio Cardoso (1912-1968)*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

GALVÃO, Walnice Nogueira. e GOTLIB, Nádya Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PAULS, Alan. *Cómo se escribe el diario íntimo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1996.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SEIXO, Maria Alzira. *Categorias da narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1976.